



Uma vista da cathedra de S. Pedro

A antiga cathedral de Beauvais foi fundada no anno de 991 por Hervée, quadregésimo bispo d'esta cidade, e continuada depois pelo seu successor Roger, eleito bispo em 996. Esta egreja, edificada com certa magnificencia, soffreu duas vezes os insultos do incendio, em 1180 e em 1225. Foi depois d'esta ultima catastrophe que Miles de Nanteuil, bispo de Beauvais, emprehendeu elevar a egreja que hoje existe, sob um plano mais vasto, que o que lhe estava destinado. Para fazer face ás despezas d'esta construcção, decidiu consagrar-lhe todos os annos uma decima dos seus proventos de bispo, impondo-a tambem aos conegos; e applicou lhe o producto do primeiro anno de todos os curatos vagos na diocese.

Omittindo a descripção d'este magnifico templo terminamos dizendo que passa por ser o *nec plus ultra* da elegancia gothica

LENDAS DO CHRISTIANISMO

III

S. Patricio

Transmitte-nos a tradição duas scenas princi-

paes, em que se encontra S. Patricio com os druidas e os bardos, os sacerdotes e os poetas da religião celtica. Essas scenas, em que o christianismo triumpho, apresentam ao mesmo tempo, pelo contraste das duas religiões, ambas magnificentes, um effeito de altissima poesia.

Na immensa planicie de Brag, onde se levanta o palacio do rei d'Erin, celebra-se todos os tres annos, por occasião do equinoxio da primavera, a grande festa de Tara. Ali se reúnem, em torno do principal monarcha da Irlanda, os vinte e cinco reis tributarios, rodeiados pelo seu druida, o seu juiz, o seu conselheiro, o seu medico e o seu bardo, e seguidos por numerosos guerreiros, coroados de plumas e vestidos de pelles de animaes.

Ali, n'essa reunião solemne, quando a noite estende sobre a terra o seu manto de sombras, accende-se o fogo sagrado. E o primeiro que n'essa noite se accende em toda a Irlanda; com os olhos fitos na sacra fogueira, que se levanta, coroada de flores, no terraco do palacio do rei d'Erin, o povo irlandez espera com anciedade que brilhe no horisonte a rubra labareda. Ape-

nas o horisonte se inflamma, como se uma vaga scentelha, correndo de pincaró em pincaró, fosse abrasar as fogueiras que os irlandezes amontoam, accendem-se instantaneamente essas almenaras celticas, e a Irlanda, para saudar a primavera, corôa-se de chamma como d'uma grinalda de flores vermelhas e luminosas.

Juntam-se, pois, em torno do palacio do rei d'Erin, os reis tributarios da Irlanda; o rei d'Ulster, o rei de Munster, o vice-rei de Leinster, o rei de Connaught. Os seus guerreiros, os seus escravos, os seus carros, puxados pelos grandes bois caledonios, formam como que um vasto acampamento militar.

Todos esperavam que se accendesse o lume sacro, quando de subito, ao longe, n'um sitio, onde, segundo resa a tradição, se enterravam os escravos, se vê brilhar uma luz.

Todos os olhos se voltam com espanto para essa luz sacrilega, que ousa accender-se antes que a chamma consagrada se projecte vermelha na amplidão do firmamento.

Todos perguntam quem é o profanador dos ritos sacros, e ninguem sabe responder.

Só os druidas, movidos por occulto presentimento, dizem ao soberano:

«Fazei com que se apague esse fanal distante, se não quereis que o nosso fogo sagrado desmaie na presença do esplendor d'essa nova chamma; se elle se não apaga depressa, o homem que a accendeu dominar-nos ha a todos.»

O rei Laégair quiz ir em pessoa extingui-lo, mas os druidas impediram-n'o de o fazer. «Não vás, disseram-lhe elles, porque o poderias adorar. Nós te traremos aqui o culpado, e vencel-o-hemos com o poder reunido da nossa magia, dos nossos instrumentos de musica, e dos nossos cantos.»

Assim se fez; os druidas foram indigar quem era o sacrilego, e encontraram S. Patricio, rodeado dos seus discipulos, velando o fogo sagrado que os christãos accendiam na vespera da Paschoa. Intimaram-n'o para que os seguisse; veio S. Patricio, e o rei d'Erin perguntou-lhe qual o motivo porque violára as leis da Irlanda, e insultára a religião dos Celtas. S. Patricio respondeu com os cantos da Egreja Oriental, que Guérangue nos transmittio no seu *Anno liturgico*:

«Devemos n'esta noite da resurreição do Nosso Senhor e do nosso salvador Jesus Christo, accender este fogo, accender um cirio de deslumbrante alvura, de suave perfume, e deslumbrante luz, que não deixe correr nenhum licor infecto, que não exhale fumo negro que possa offender os olhos. Nada nos parece nem mais proprio nem mais jubiloso do que velarmos em honra da flor de Jessé, á luz de labaredas alimentadas pelo succo das flores.

«A cera não é o suor que o fogo faz escorrer do pinho; não é producto das lagrimas que o machado faz verter do cedro; é uma creação cheia de mysterio e virgindade, que se transforma, tornando-se mais branca do que a neve...

«Convém que a Egreja espere a vinda do Esposo á luz d'esta doce chamma; que as trevas não escureçam as suas santas vigílias, e que empunhe o seu purissimo cirio, presagio do eterno sol.»

No espirito d'um povo naturalmente poeta, a immensa poesia d'estes hymnos orientaes devia

calar profundamente. S. Patricio, cedendo á inspiração que o dominava, continuou as suas prédicas, e chegou a conciliar no auditorio um partido numeroso. A discussão travou-se entre os pagãos, que se inclinavam ao christianismo, e os outros que não queriam converter-se. Logo degenerou em disputa amada; assevera a tradição que logo se travou uma batalha sanguinolenta, que essa noite de festa se transformou em noite de sangue, que, no meio das trevas mais profundas, houve um combate furioso de homens e de carros de guerra. A Irlanda debalde esperou que n'essa noite brilhasse no terraço do palacio a luz sagrada que annunciava a primavera; prenuncio augusto da proxima victoria do christianismo, a chamma, accendida por S. Patricio, foi a unica a illuminar o horisonte.

No dia seguinte reinava de novo a tranquillidade na immensa planicie, e, sentados á meza do festim, os chefes da Irlanda, rodeados dos seus bardos, celebravam a festa do sol. O rei d'Erin chamou á sua presença o apostolo christão para que fosse testemunha das maravilhas operadas pelos sacerdotes da religião druidica.

S. Patricio appareceu, e a sua voz inspirada entoou o hymno festivo de louvores ao Altissimo.

«E nós tambem, exclamou elle, resuscitaremos um dia á luz do sol, quero dizer, na gloria de Jesus Christo. Na sua gloria seremos reis; mas este sol, que vemos, este sol, que, todos os dias, á sua voz, desponta para nos illuminar, esse é que nunca reinará; o seu proprio esplendor não hade durar sempre, e todos os que o adoram, desgraçados! morrerão. Mas nós acreditamos no eterno sol, o Senhor Jesus Christo, que adoramos, e que nunca hade morrer!»

E o povo applaudia essa poesia nova e sublime, e hesitava entre os hymnos dos seus bardos, e os canticos do poeta christão.

Veio depois a lucta dos prodigios; como outrora Moysés com os magos do Egypto, ou os prophetas com os sacerdotes de Baal, combateu S. Patricio com os druidas; mas n'esse mesmo combate se revela a indole santa do christianismo, e a indole suave do apostolo.

Os druidas, em plena primavera, fizeram cair a neve e produziram o frio, mas não puderam nem extinguir o frio, nem suspender a neve, que cessaram a um leve signal da mão de S. Patricio.

Produziram as trevas; S. Patricio fez raiar o sol.

Depois veio a prova do fogo. O druida recuava diante d'elles; mas o rei insistio. Duas fogueiras se levantaram, uma feita de ramos verdes e molhados, e outra de ramos seccos e inflammaveis; na primeira entrou o druida, levando aos hombros a estola do santo, na segunda entrou um discipulo de S. Patricio levando o manto magico do druida. A fogueira de ramos verdes inflammou-se subitamente, consumindo o druida, e deixando intacta a estola; a fogueira de ramos seccos ardeu a custo, salvando-se o discipulo, mas ardendo o manto. Era a victoria definitiva; d'ella resultou a conversão da Irlanda.

Nesta lucta de prodigios, a lenda, com a sua doce poesia, se attribue ao druidismo o poder de fazer o mal, só para a religião christã reserva o poder do bem; symbolo augusto dos pre-

dicados d'essa religião que havia de triumphar dos cultos ou immoraes ou sanguinolentos da antiguidade.

IV

O visconde de Villemarqué descreve no seu formoso livro, com inexcedivel poesia, a outra scena caracteristica d'esta formosa lenda, o encontro de S. Patricio com o bardo sublime da Caledonia, com o velho e cego Ossian. Inventado, sem duvida, muito posteriormente á formação da lenda, este episodio caracteriza perfeitamente a indole especialissima d'aquelle apostolado irlandez, tão indulgente com as antigas tradições do povo que procurava converter, e que, fundindo as maximas da nova religião com a poesia da antiga, dá um caracter peculiar ao catholicismo da verdejante Erin.

Traduziremos esse trecho, um dos mais bellos da *Légende celtique*:

«Na sala desamparada d'um palacio arruinado, que já não tinha outro tecto que não fosse a abobada do ceu, e que só a lua illuminava com os seus pallidos raios, um velho guerreiro cego repousa n'um banco de pedra, junto d'uma lajeira sem fogo. Havia muito tempo que Patricio o procurava. Ao resoar dos passos do santo, o velho despertou, e, levantando-se, caminhou ás apalpadellas para desprender a sua harpa suspensa da parede, porque lhe parecera ouvir vibrar o escudo de seu pae, e a voz de Fion gemer no vento da noite. Commovido á vista d'este grande infortunio, o apostolo da Irlanda dirigio-lhe docemente a palavra. O bardo respondeu com estes versos:

«Quando eu tomava as minhas refeições n'este palacio com Fion, via circular, em cada banquete, mil taças, apertadas por circulos d'ouro cinzelado;

«Havia doze salas cheias dos guerreiros do filho da filha de Tagés (meu avô) n'este palacio, residencia dos Finn heroicos;

E nas doze salas flammejavam constantemente doze fogos, e cada fogo estava rodeado d'um circulo de cem Finn illustres.

«Que desgraça para mim sobreviver-lhes! Os festins e a musica já me não offerecem attractivo, misero e velho que eu sou, pobre solitario, ultima reliquia d'uma raça heroica!

«Oh! porque estou ainda vivo? Ai! Patricio, a minha sorte é digna de dó! Sou eu o unico de toda a minha raça! Os meus heroes estão mortos! As minhas forças estão esgotadas!

«São os teus sinos que oíço agora vibrarem em vez dos cantos dos meus bardos! Um pobre velho, um cego, um desgraçado eis tudo o que resta d'Ossian!»

«Patricio pede a Ossian que se resigne, que curve a cabeça e os joelhos debaixo da mão d'Aquelle que communica aos heroes o seu poder, e lh'o tira de novo á sua vontade; mas o bardo sente-se tão infeliz que não está disposto á paciencia. Continua a gemer, a lamentar o presente, a gabar o passado; oppõe o canto dos bardos aos eternos psalmos dos monges; prefere os festins ao jejum, a bulha dos sinos fatiga-o; tem saudades das fanfarras alegres, e dos ladridos dos cães de caça nos bosques.

«Ó Patricio, já ouviste cantar a grande caça? Ó filho de Calphurnio, afamado pelos teus hym-

nos, ouviste cantar essa caçada emprehendida por Fion? Nunca os Finn viram outra mais maravilhosa.

«O missionario, encantado de achar o meio de penetrar seguramente no coração do velho, aproveita-se d'isso, e responde:

«Não a ouvi, não, é filho de rei! mas folgaria de te ouvir contar-me, illustre Ossian, sem ficção alguma, essa bella caçada.

«Ossian offende-se com a palavra ficção: os bardos nunca mentiram! Responde com repreezalias contra os clérigos.

«A seu turno, Patricio, que olvida um pouco a sua indulgencia ordinaria, ameaça os Finn com o inferno.

«A discussão azeda-se; o bardo zanga-se devêras:

«Se o teu Deus estivesse no inferno, os meus heroes seriam capazes de o tirarem de lá.»

«A esta magnanima resposta, o santo não pôde deixar de se sorrir; mas, receiando não conseguir o que deseja, toma o partido de ceder para vencer melhor. Rende-se por conseguinte, e o bardo pôe-se a cantar o formoso poema que prometteu.»

«Mas á ultima estrophe é o proprio Ossian quem se confessa vencido, porque se julga admirado, e a igreja d'Irlanda vae contar mais um christão.» (1)

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS

e as memorias que lhe são relativas.

ab auditione mala non timebit.

Ps. CXI 7.

XVII

No dia 23 de maio do anno de 1805 celebrou-se com a mais luzida pompa, na magestosa cathedral de Milão, a cerimonia da coroação de Napoleão como rei da Italia.

No dia antecedente havia sido trazida a Milão a famosa corôa de ferro dos reis Lombardos, depositada em Monza na cathedral d'aquella antiga residencia real.

No acto da coroação recebeu Napoleão, das mãos do arcebispo-cardeal Caprara, as insignias da realza, mas tomou elle proprio do altar a corôa de ferro, e erguendo-a, mostrou-a aos assistentes, e disse em alta voz: *Deus m'a concede, e desgraçado de quem n'ella tocar!*

No dia 7 de junho assistio Napoleão á sessão do Corpo Legislativo, e n'esse mesmo dia foi o principe Eugénio nomeado *Vice-Rei da Italia*, e admittido a prestar juramento de fidelidade.

No dia 10 deixou Napoleão a cidade de Milão, para voltar a Franca.

No dia 11 entrou Eugénio no exercicio das suas altas funcções, e desde logo se entregou aos cuidados da administração do reino da Italia, que ao seu governo fôra confiado, guiando-se em tudo pelas ordens que Napoleão lhe transmittia.

(1) Visconde de Villemarqué *La Légende Celtique* pag. 95. Nos documentos justificativos transcreve o mesmo escriptor o texto do poema legendario irlandez em que esse encontro de S. Patricio e de Ossian foi consagrado, poema que miss Brook publicára primeiro no seu livro intitulado *Irish originals of the ossianic poems.*

No dia 13 veio cumprimental-o uma deputação do Corpo Legislativo, com o presidente da mesma assembléa. A resposta que o príncipe Eugénio deu á deputação, concertada sem duvida pelas idéas de Napoleão, meréce ser reproduzida, como sendo notavel pela discrição que respira:

= Chamado, muito moço ainda, pelo heróe que preside aos destinos da Franca e aos da Italia, a ser perante vós o órgão das suas vontades, apenas posso offerer-vos hoje esperanças. Mas, senhores, tende fé nos sentimentos que me animam: não serão frustradas essas esperanças.

= Desde este momento pertenco todo aos povos, dos quaes me foi confiada a governação. Auxiliado com a coadjuvação de todas as authoridades, e particularmente pelo zelo e luzes do Corpo Legislativo, *dirigido sempre pelo vasto e poderoso genio do nosso augusto soberano*, repassado das grandes lições e dos grandes exemplos que d'elle hei recebido, só terei um propósito, só experimentarei uma necessidade... a gloria e a prosperidade do reino da Italia==

As relações do moço Vice-Rei com o Imperador e Rei eram na verdade summamente difficeis e melindrosas. Satisfazer ás exigencias da vastissima capacidade de Napoleão era quasi impossivel; e creio que até um certo terror se apoderava da alma de quem quer que estivesse ás suas ordens, por mais elevada posição que occupasse na gerarchia militar e administrativa.

Ainda Napoleão, depois de ter saído da cidade de Milão, estava na Italia quando teve por conveniente enviar ao príncipe Eugénio uma nota dos objectos, que mais particularmente deviam chamar a sua attenção.

Vou transcrever essa nota, para que os leitores vêjam o quanto era vasta a esphera da intelligencia de Napoleão, e o quanto era necessario de comprehensão, de fervor e de actividade para satisfazer ás sus exigencias:

= Meu primo. Vou dar-vos conhecimento de differentes objectos, que mais particularmente devem occupar-vos. Já foi assignado o decreto para a organização da administração. Vede se foi publicado e inserto no *Bolletim das Leis*. Tomae cuidado: d'aqui em diante ha mister que todos os decretos sejam insertos no *Bolletim das Leis*, o mais tardar vinte e quatro horas depois.

= Exigi do ministro do reino um decreto para fixar o dia em que hão de cessar as *administrações departamentaes*. Parece-me que o 1.º de Julho é o mais proprio para essa mudança de administração. — Ordenae ao ministro que lhes dirija uma circular, para lhes inculcar a importancia das suas funcções, e o que lhes cumpre fazer. — É necessario que o ministro averigüe com a maior exacção o que custaram os Prefeitos até ao 1.º de Julho, ou em despesas de secretaria, ou de agentes, de casas, etc., e quanto lhes ficou (do que lhes foi concedido pelo meu regulamento) para provêrem ás despesas até ao 1.º de Janeiro de 1806.

= O ministro da fazenda deve formar um quadro da receita de cada departamento, calculando tudo até ao 1.º de julho. — Deve conferenciar com o ministro do reino para saber quaes sommas hão de ser postas mensalmente á disposição dos Prefeitos, — para despesas das cadeias; para

o sustento dos presos; para as despesas da instrução publica, que estavam a cargo dos departamentos; ou para despesas dos caminhos. — Deve conferenciar com o ministro da justiça em quanto aos fundos que convém pôr á disposição dos departamentos, — ou para pagamento dos tribunaes, ou para as despesas do processo criminal, — despesas, que ainda este anno são departamentaes. — Deve ser supprimida a verba das despesas secretas. — A conta das sommas que mensalmente são postas á disposição dos Prefeitos, provenientes dos quatorze dinheiros departamentaes, deve ser feita por departamentos, — e haveis de enviar-m'a, para eu a approvar definitivamente. — Os departamentos gastam de mais em despesas de justiça. O ministro da justiça gasta de mais em despesas de secretaria dos juizes; ordenae-lhe que regule este serviço, e fixe uma distribuição, como se faz para os Prefeitos. — Fazei saber aos ministros da fazenda e da justiça, que *espero* economisar, independentemente dos tres milhões de que résa o orçamento, como economia de despesas communs, pelo menos dois milhões neste anno, quer pela suppressão das administrações departamentaes, quer nas despesas de caminhos, de aguas e de justiça.

= Os esbirros ou satellites de policia custam sete centos mil francos; é minha intenção que não custem por anno senão duzentas mil libras. Já custaram n'estes primeiros seis mezes trezentas mil libras. Ainda consenti em votar duzentas mil libras, quinhentas mil por anno; mas quero que me apresenteis um decreto, discutido e assentado em conselho, para diminuir consideravelmente os esbirros, de modo que, nos ultimos seis mezes d'este anno, custem apenas duzentas mil libras, e para todo o anno proximo outras tantas. Brescia despense duzentas mil libras com os esbirros; Belonha cento e oitenta mil, e Cremona trinta mil.

= A organização das *pontes e calcadas* é um objecto recommendavel. Este trabalho pertence especialmente ao sr. Paradisi. O sr. Prony, que está no reino, pôde auxiliar essa organização. Tratae de examinar, em conselho, essa organização, e mandae-m'a para eu a approvar. D'esta sorte tomarão os trabalhos das estradas uma direcção conveniente, lá para o mez d'agosto. No mez de julho, não ha remedio senão fazer-se a despeza como se tem feito até agora, pondo algumas sommas á disposição dos Prefeitos.

= Desejo que o ministro dos cultos me apresente, no mais curto praso, um projecto de circumscripção das dioceses do reino, a começar pelo departamento de Olona. Decretos parciaes hão de regular a circumscripção dos outros treze departamentos, de sorte que fique fixada por 14 decretos. — Fará este serviço á proporção que lhe forem chegando os esclarecimentos. O principal é começar pela capital. Convém fixar a reunião das parochias, as congruas dos parochos que houverem de ficar, e a pensão para os outros, arrançando tudo ao aprazimento geral e sem offender interesses. — Nada ha de tanto perigo, como o methodo que fazem seguir a respeito dos conventos: estão estabelecidos os principios, só falta pô-los em ordem. Apresentae-me um decreto a respeito dos conventos que hão de ser conservados, e d'aquelles que hão de ser re-

unidos a outros: fazei sentir ao ministro dos cultos a importancia d'este trabalho, que não deve ter a menor demora, porque quero que em julho esteja concluido este negocio dos frades.

= Estão pouco mais ou menos fixadas as bases do orçamento. Logo que este passe no Conselho, mandae-mo impresso com os mappas e relatório do ministro da fazenda. Não mandeis tirar senão um exemplar, o qual eu vos devolverei com as minhas observações, para então o mandardes imprimir, e apresentar ao Corpo Legislativo.

= Cumpre organizar promptamente a administração dos bens da Coroa.

= A Instrução Publica é da competencia do sr. Moscati. Tenciono adoptar o mesmo systema que em França, de que o sr. Méjean tem certamente conhecimento. É um systema novo, que mereceu a approvação de uma parte das potencias da Europa. Concedem-se premios aos mestres, e pensões nos lyceus aos melhores estudantes das escolas secundarias. — Penso que a instrução, no restante d'este anno, deve ficar no pé em que está, pondo-se á disposição dos Prefeitos as convenientes sommas em cada mez: antes, porém, do 1.º de outubro deve ser submittido á minha assignatura o novo systema.

= É de crer que o ministro da justiça tenha já nomeado uma commissão para traduzir a *Codigo Napoleão*. Ordenei ao sr. Abrial, ora residente em Chambéry, que passe a Milão. Não terá character publico; mas hade dar sobre a organização do systema todos os esclarecimentos necessarios. — Queixáram-se-me em Brescia do systema de processo que ali foi posto em accção pelo sr. Spanocchi: faz retrogradar as luzes, e irrita um paiz que havia recebido idéas mais liberaes quando estava sujeito a Veneza; e demais d'isso, nenhum proveito proporciona aos interesses publicos. — Apenas chegar o senador Abrial, eucarregal-o-heis de vos apresentar idéas mais accetaveis, e de formular uma tabella de direitos de chancellaria mais vantajosa para o thesouro: lucrará a fazenda, pelos menos, um milhão =

— Basta isto só para se comprehender que o grande homem estendia a sua consideração a todos os assumptos (que não só aos da politica e da guerra); de tudo queria ser inteirado; de tudo queria formar juizo claro; em tudo pretendia fazer predominar o seu pensamento; em tudo queria fazer triumphar a sua vontade enérgica e poderosa.

¿ Era, ou não, arduo o encargo de representar Napoleão á frente de um reino?

No artigo immediato veremos mais vivamente assignalada ainda essa difficuldade.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

O SUCCESSOR DE JULIO GÉRARD

Está ainda na memoria de todos o triste fim do célebre Julio Gérard, o matador de leões, que morreu affogado no Niger, n'uma viagem de exploração pelo interior da Africa.

Julio Gerard deixou um nome historico, pelo raro conjuncto de qualidades, que o distinguiram.

Foi elle quem começou na Algeria uma guerra desapiadada e sem tréguas ao terrivel depredador, ao rei dos animaes, ao leão, o mais corajoso e robusto de todos os carnivoros, o prototypo da

força, que até hoje, e sem fundamento algum, se comprazem os naturalistas de representar cheio de generosidade e grandeza de character.

Julio Gerard deixou um successor, o não menos celebre Chassaing, antigo soldado, magnifico atirador, inimigo implacavel da especie felina.

Até 1865, eram já trinta os leões mortos por este indomavel sectario de Santo-Huberto, patrono e protector dos caçadores.

Quem sabe os perigos da caça do leão, as difficuldades, que é necessario vencer, espanta-se e admira-se que Chassaing esteja ainda vivo, gosse de excellente saude e continue a explorar a industria agricola na Algeria.

Em um livro, não ha muito publicado, narra Chassaing as suas caçadas, aconselha os neophytos e entretém agradavelmente o leitor.

Jacques Chassaing nasceu em França e é filho de honestos, posto que não muito abastados cultivadores:

Conta hoje 47 annos e desde pequeno mostrou as maiores e mais felizes disposições para a caça.

De tenros annos seguia e acompanhava o avô á espera das lebres e coelhos e a maior alegria da sua vida foi quando herdou a espingarda d'aquelle que primeiro lhe ensinara a fazer emprego d'ella.

Tendo assentado praça como recrutado, foi de guarnição para a Algeria, aonde, assim que leve baixa do serviço, se entregou ao cultivo da terra. Alguns revezes de fortuna o collocaram em más circumstancias, e, farto de lutar com a sorte, começou a estudar os habitos e costumes do leão, que na Algeria é o maior inimigo do cultivador, pela muita audacia e vigor prodigioso, que possue o rei das florestas.

Contava já 37 annos quando Jacques Chassaing abraçou a vida de caçador de leões.

O mister é rude e perigoso, e é indispensavel muito valor e sangue-frio; muita energia e força de vontade, sobretudo muito amor pela profissão e animo superior a todos os baldões, para poder sair-se bem dos continuos perigos e evitar a morte, que a cada instante ameaça o audaz caçador.

Chassaing sentia lavrar dentro em si o fogo sagrado.

Logo no primeiro tentame foi feliz.

Andando de parceria com um amigo atraz de um rebanho de porcos monteizes, que muito abundam n'aquellas paragens, succedeu que um burro do seu amigo e que ficára a pastar, foi devorado por um leão.

Em geral os leões não comem de uma vez a presa toda.

Da primeira vez sugam o sangue e comem os pedaços mais appetitosos e guardam o resto da victima para outro festim.

Chassaing vendo o cadaver do burro meio comido construiu á pressa um abrigo ou agachiz, que se compunha de uma cova aberta no terreno e cercada de pedregulhos entremeiados de sebe.

Juntamente com o seu amigo collocou-se no agachiz mal chegou a noite.

O caçador era todo attenção e vigilia.

Com os olhos interrogava a escuridão de em redor, e involuntariamente apertava o cano da espingarda, com que estava armado.

Pouco durou a espera, porque appareceu logo uma feroz e formidavel leôa, que vinha rastejando para o cadaver da victima, que jazia a poucos passos do agachiz.

Infelizmente, o companheiro do caçador incipiente, posto que animoso, fez um pequeno movimento, com que a leôa ficou desconfiada a ponto de se retirar vagarosamente coisa de uns cem passos.

Passado que foi um quarto de hora, como não ouvisse ruido algum, voltou a leôa a passo de gato, afim de saltar de repente e levar a presa para o bosque visinho.

Temendo isto, e ainda a uma distancia de 25 passos, apontou Chassaing a espingarda, e disparou com tanta felicidade, que a leôa caiu ferida mortalmente no peito, comquanto dêsse um salto immenso e fôsse refugiar-se no bosque, aonde soltava espantosos rugidos e sacudia furiosa os ilhaes.

N'este comenos appareceu um leão enorme, que de um salto arrebatou a presa, que devorou a distancia, fóra do alcance.

Os caçadores conservaram-se toda a noite immoveis e receiosos no abrigo, porque correriam grande risco se saíssem.

Só de manhã ousaram saltar para fóra do covão e ir ver a leôa morta.

O pobre burro fóra vingado.

Tal foi a primeira proeza do caçador.

Desde então apoderou-se de Chassaing a febre venatoria, e os arabes, que tem grande medo do leão, mal soffriam estragos ou depredações de algum d'estes terriveis animaes, iam chamal-o.

O methodo de Chassaing é simples, posto que muito arriscado e sobremaneira incommodo.

Consiste este methodo em prender solidamente a uma estaca ou tronco de arvore em sitio por onde costume passar o leão, um animal. Perto construe um pequeno abrigo feito de ramos de arvores e n'elle passa ás vezes quatro e cinco noites, sujeito á intemperie, á neve, á chuva, e ao vento, com os olhos á espreita, com a espingarda prompta e na maior immobibilidade.

Quando o leão salta sobre a presa é o momento propicio.

Então aponta Chassaing a espingarda, procura ponto fraco, aonde a bala penetre melhor e vá ferir os orgãos essenciaes da vida, o coração e os pulmões e dispara um ou dois tiros.

Depois conserva-se na mesma immobibilidade, porque o leão difficilmente morre e nas mesmas convulsões da agonia mata um homem com presteza summa.

As vezes, apesar de mortalmente ferido, ainda o leão anda 4 e 5 kilometros.

Só de manhã, quando o sol é nado, é que Chassaing persegue o leão ferido, que sempre busca os recessos das florestas mais sombrias e recatadas, para exhalar a vida.

Todo o cuidado e pouco n'esta pesquisa, e por isso quasi nunca acceta a companhia dos arabes, os quaes assim que avistam o leão, ainda mal ferido, deitam a fugir chamando-lhe *said* (senhor) e fazendo-lhe muitas cortezias.

Verdade é que, apanhando-o morto, chamam-lhe *yudi* (judeu) ou *rhoumi* (christão) pois são estes os maiores insultos, que o arabe conhece.

Vê-se que não é lá das melhores a vida de caçador de leões, e apesar da sua para felicidade, tem-se encontrado em apuros o intrepido Chassaing.

De uma vez, tão desconfiada estave uma leôa, que quasi chegou a lembrar-lhe a cara com a lingua asquerosa, quando o caçador abrigado na ramaria de um tamarindo, estava á espera, por altas horas da noite, ao pé da preza.

Chassaing não podia voltar-se para disparar, porque ao menor movimento seria estrangulado.

Conteve pois a respiração, e tal foi a sua immobibilidade que a leôa voltou sobre a preza e logo pagou caro o atrevimento, porque caiu varada por duas balas.

O intrépido e valente Chassaing chegou já a matar quatro leões em uma só noite, e com um tiro duplo matou uma vez dois soberbos animaes, que atroaram os montes com os seus rugidos desesperados.

Paciencia e denodo são as divisas do vigoroso caçador.

Não ha sacrificio que lhe custe, quando persegue um leão, e arrosta com todos os perigos para augmentar o numero e a já longa lista das suas victimas.

Narrar todas as peripécias da sua vida agitada não cabe nos limites d'este artigo.

As façanhas, que Chassaing ha praticado, e os perigos que tem corrido são uma epopèa.

Parece impossivel come aquelle homem esteja ainda vivo!

Uma noite, estando á espesa de um leão atraz de um agachiz, em companhia de um capitão de cavallaria (o que é grande favor da parte de Chassaing, que gosta de caçar só) appareceu de repente um soberbo leão de juba enorme e fronte espaçosa.

Vinha magestoso sacudindo a cauda e meneando a cabeça.

O capitão assustou-se um pouco e respirou em tom mais elevado.

Bastou isto para que o leão tratasse de voltar para traz.

Chassaing, porém, não lhe deu tempo e meteu-lhe duas balas no corpo.

O leão soltou um rugido tremendo, e, gotteando sangue, embrenhou-se nos bosques.

Ao romper d'alva saíram os caçadores da embuscada e puzeram-se em cata do leão, usando todas as cautellas e recommendando o maior silencio aos arabes, que os seguiam receiosos e de longe.

Tendo seguido o rastro de sangue, e depois de minuciosa pesquisa, Chassaing e o capitão de-

ram com o animal no fundo de uma ribanceira abrupta.

Escusado é dizer que os arabes deram ás de Villa Diogo, levando a espingarda do capitão, que ficou apenas com uma pequena carabina de Lefaucheux.

Chassaing ia na frente e a trez passos de distancia o capitão.

Chegados a uma clareira, pararam; mas de repente do fundo do emmaranhado surgiu o leão ferido, e por isso mais temivel, que de um pulo encrme caiu a seis metros de distancia de Chassaing.

Este dispára á queima roupa, apanha o leão no segundo pulo, mas ainda assim o animal cae-lhe em cima, arrastando-o na queda.

As pistolas saltaram para longe e o caçador, desarmado, sentia as garras a rasgarem-lhe as carnes.

Chassaing não perde a coragem nem o fôlego. Com uma das mãos agarra-lhe na lingua, e com a outra na juba.

O leão volta-se para lhe esmagar a cabeça; escorrega, e o caçador trata de fugir-lhe por debaixo da barriga.

Não o consegue, mas alcança afastar-lhe a cabeça retezando um dos braços, ao passo que o outro era descarnado pela garra possante.

«Socorro!» grita ainda Chassaing para o capitão, que, estupefacto e absorto, observava aquella lucta medonha.

Sae da attonia o capitão, que descarrega dois tiros na barriga do leão, com risco de ferir o caçador, se porventura as balas tivessem mais fôrça.

O leão mais se enfurece, agarra Chassaing pelas espaldas e precipita-se na funda ribanceira, aonde o sacode ainda nos derradeiros arrancos da agonia.

Felizmente, o leão morre, e o caçador, que conservou toda a energia, consegue escapar-se semi-morto.

D'aquella vez saiu-se por milagre e levou muito tempo a curar-se das feridas.

Assim que se apanhou curado voltou á caça do leão, e não poucas victimas ha feito.

Hoje a reputação de Chassaing é européa.

Todos os *touristas* que vão á Algeria não se esquecem de visitar o «caçador de leões» o qual difficilmente concede a honra da sua companhia aos curiosos.

Os arabes tem-lhe um respeito supersticioso e não se atrevem a roubar-o ou a depredar-lhe as fazendas.

Ultimamente foi-lhe dada por um amator e admirador da sua pericia uma excellente espingarda Devisme, de bala explosiva, com que tem feito proezas admiraveis.

Com tal espingarda, diz elle, não ha leão que lhe escape.

E o mais é que faz o dito verdadeiro.

De parceria ás vezes com o igualmente celebre caçador de pantheras, Bombonnel, outras vezes só, Chassaing, que na sua vida aventureira, e, longe

vá o agouro, provavelmente hade morrer em algum dos seus terriveis combates. prosegue na guerra implacavel contra o rei das florestas.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

OS ESCRITOS DE SANTA THEREZA DE JESUS

I

Procurado he perpetuar entre los mortales tu memoria... escribiendo en tu servicio aqueste libro, para que donde quiera que llegarem mis palabras Vengan a noticia de quien lo leyere tus obras.

YEPES — *Vida de la bienaventurada virgen Teresa de Jesus.*

Nem um só dos leitores ignora que existio *Santa Thereza de Jesus*: mas nem todos haverão tido occasião de ler as obras d'esta senhora, verdadeiramente illustre, não só como inscripta no catálogo das santas que os catholicos veneram, senão tambem como reformadora de ordens religiosas, e como escriptora insigne.

Por menos avultado que seja o numero das pessoas que ainda não houverem lido as indicadas obras, dou-me por mui gostosamente obrigado a satisfazer a curiosidade que lhes attribuo, offerecendo-lhes a noticia que eu proprio adquiri quando estudava a formosa litteratura castelhana.

Não se compadéce com a natureza especial d'este meu trabalho, essencialmente litterario, entrar em promenores biographicos; mas, em compensação, tomarei nota de um ou outro documento, que, em abreviado quadro, nos offereça a substancia da vida de Santa Thereza, — e mais de uma vez aproveitarei a occasião de alludir ás virtudes que a constituiram santa, e aos trabalhos em que lidou e muito padeceu para reformar a sua ordem.

— Nasceu Thereza de Jesus na cidade de Avila (Castella a Velha) a 12 de maio de 1545; falleceu no dia 4 de outubro de 1582; foi beatificada pelo papa Paulo V em 1614, e solemnemente canonisada em 1622 por Gregorio XV.

O epitaphio que o seu biographo Yepes (1) registou — offerece uma noticia substancial dos traços principaes da vida de Santa Thereza; e é a seguinte, que reproduzo na lingua castelhana:

= Restituida a su aspereza la regla de los Padres del Carmelo.

= Fundados muchos conventos de frayles, y monjas.

= *Escritos muchos libros que enseñam la perfeccion de la virtud.*

= Profetizadas cosas futuras, y resplandecido en milagros.

= Como celestial estrella volò à las estrellas la Virgen Teresa.

= A quatro del mes de octubre, del año de 1582.

— Fr. Diego de Yangués, da Ordem de S. Domingos, compoz uns versos, que foram inscriptos aos lados do tumulo da santa, e dizem muito elegantemente o que a piedade louva na memoria da bemaventurada virgem.

Tomando como texto, primeiramente, o versi-

(1) *Vida, virtudes, y milagres de la bienaventurada virgen Teresa de Jesus, madre y fundadora de la nueva reformation de la Orden de los Descalços y Descalças de Nuestra Señora del Carmen.* Por Fray Diego de Yepes. Lisboa. 1616. — Vi tambem a edição do anno de 1606.

culo da Ep. aos Hebreus: *Arca Domini*, etc., disse assim o padre:

En esta arca de la Ley,
Se encierra por cosa rara
Las tablas, maná, y la vara
Con que Christo nuestro Rey
Haze a su virgen mas clara.
Las tablas de su obediencia,
El maná de su oracion,
La vara de perfeccion,
Con vara de penitencia,
Y carne sin corrupcion.

Tomando depois como texto aquillo dos Proverbios: *Non extinguetur in nocte lucerna ejus (a sua candeia não se apagará de noite)*, disse assim:

Aqui jaze recogida
La muger dichosa, y fuerte,
Que en la noche de la muerte
Quedó co mas luz, y vida,
Y con mas felice suerte.
El alma pura, y sincera
Llena de lumbr de gloria:
Y para eterna memoria,
La carna sana, y entera,
Dó está muerte tu victoria?

¿Quereis agora vêr como o biographo Yepes se enternece e arrebatá, ao fallar de Santa Thereza, na dedicatória que endereça ao papa Paulo V da *Vida* da mesma santa? Escutae:

== Conheci e lidei por espaço de mais de 14 annos com a bemaventurada madre Teresa de Jesus... Confiou ella de mim a sua alma, escolhendo-me para seu confessor; e tanto na confissão, como em outras occasiões, pensando ella que aproveitava a minha alma, communicava-me as riquezas e os thesouros que o Senhor depositára na sua... Desde que a conversei, satisfiz-me tanto a sua virtude, tão devoto fiquei da sua santidade, tão prendado da sua humildade e prudencia, que sem demóra me constituí pregoeiro de suas virtudes, e escravo dos seus mosteiros. E assim, como quem tocou com as mãos tão excellentes dotes, e como testemunha occular do seu coração, me dou por obrigado a noticiar a Vossa Santidade a incrível perfeição, que é por certo a honra e a gloria d'estes tempos, e á flôr que aformoseia a esterilidade d'esta ultima época da Igreja (*y flor que hermosea la esterilidad desta edad postrera de la Iglesia.*) São incentivo do meu procedimento, não só a força da dívida commum, e a devoção que de ordinário ha para com os santos, senão também a obrigação particularissima em que estou para com esta santa, visto não querer ser-lhe desagradecido pelas muitas mercês que sempre me liberalisou (*si ya no quisiera ser ingrato a tanta merced como siempre me hizo.*)

Estas encarecidas expressões provam, não só a excellencia de Santa Thereza de Jesus, senão também que Fr. Diego Yepes se apresentava diante do pontifice e do mundo inteiro com justificados titulos, e por certo muito commendaveis, para escrever a *Vida* da illustre e admiravel religiosa, a quem as Lettras, a Virtude, e a Religião teceram immortal renome.

— E comtudo... esteve a Madre Thereza de Jesus em risco eminente de ser levada aos carceres do Santo officio, e padecer os tormentos que a Inquisição costumava dar a victimas infelizes!

(Continúa)

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

IDYLLIOS DE GESSNER (1)

Os beijos perdidos

Um dia n'uma floresta de pinheiros o joven Milon apanhou destramente um passarinho d'uma tão brilhante plumagem quanto formoso era o seu trinado. Sollicito fez-lhe logo com as palmas das mãos juntas uma gaiola improvisada e o levou cheio de jubilo para o lugar, onde á sombra repousava o seu rebanho. Ahi, pousando em terra o seu chapéu de palha, collocá debaixo o prisioneiro e corre ao primeiro salgueiral a colher os juncos mais flexiveis para construcção da singela gaiola.

— Logo que a tua nova morada esteja concluida, meu lindo passarinho, levar te-hei a correr a Cloé, diz o pastor. Por este mimo d'ella exigirei um terno osculo; Cloé não deixa de ser rasoavel e creio que não m'o recusará; mal que ella me der um, eu então roubar-lhe-hei destramente dois... tres... e até mesmo quatro!.. Oh que felicidade! Tomára já que a gaiola esteja prompta.

Assim fallando, entusiasmado, corre lesto com um feixe de vimes debaixo do braço por pé do chapéu de palha, mas... ó fatalidade! de que acerba dôr não ficou possuido o pobre Milon! O perfido vento voltando-lhe o chapéu havia feito com que o passarinho fugisse, voando d'envolta com elle todos os taes sonhados beijos!..

O cravo

Em seu jardim passeando, Marilia apercebeu junto a um caniçal, um lindo cravo, tristonho e solitario, raiado das mais vivas cores. Acabava de desabrochar. Como está lindo!

Marilia aproximou-se sorrindo e n'um ar de descuidosa meiguice inclinou o gracioso rosto para a florinha. Entretanto que ella lhe aspirava os voluptuosos perfumes, o cravo reanimado parecia beijar-lhe os labios! Ao isto ver senti-me inflamar d'amor e exclamei.

— Oh deuses! e que não possa eu... que não me seja dado beber-lhe assim um beijo d'amor em seus labios de rosa!...

Marilia retirou-se.

Então approximei-me timidamente do caniçal.

— Arrancal-o-hei? irei colher este bello cravo que os suaveis anhelitos de Marilia bafejaram? A fragancia do lindo cravo mais me reanimava que os orvalhos do ceu reanima as flores. Não pude resistir... Já estendia appressurada mão para o arrancar... o braço me treme... vacillo.

— Pois que! irei roubar a Marilia a gentil florinha de que tanto gosta? Não. Ella no seio a collocará e os gratos perfumes da ufanosa flor se desenrolarão agradecidos, até ao seu formoso rosto como o incenso sagrado s'eleva em odoríferas espiraes para o olympo quando á deoza da belleza homenagens se offerecem.

Retirei-me; e o cravo lá ficou junto ao caniçal, quem sabe talvez se esperando tornar a obter ainda os tão doces affectos da seductora Marilia?!...

SILVA PEREIRA

(1) Sobre a vida deste grande poeta allemão veja-se um pequeno esboço biographico que vem inserto na *Illustração Feminina* (jornal recentemente publicado) assim como os seus dois idyllios: *Canticos da manhã* e *Uma manhã d'outono*.

Typ. Franco-Portugueza — Rua do Thesouro Velho n.º 6.